

# PAUL LE COINTE, UM CIENTISTA FRANCO-BRASILEIRO (1870-1956)

Patrick Petitjean

Paul Le Cointe, cientista franco-brasileiro, nascido na França em 1870, viveu na Amazônia desde 1892 até sua morte em 1956. “Franco-brasileiro”: não se pode caracterizá-lo como um francês que viveu no Brasil, nem como um brasileiro de ascendência francesa. Por seu trabalho, ele se inscreve na história da ciência da Amazônia como cartógrafo, geógrafo, botânico, químico, economista, diretor e fundador de instituições como a Escola de Química Industrial do Pará, em Belém. Ele também fez parte da história da política na Amazônia por meio de seus apelos para a colonização da região e suas intervenções sobre seu desenvolvimento econômico, especialmente com a borracha.

Ao mesmo tempo, ele nunca deixou de ter vínculos com seu país de origem. Politicamente, foi agente consular da França em Óbidos e depois em Belém. Institucionalmente, foi membro ativo da Société de Géographie Commerciale de Paris (SGCP), que era uma importante instituição do “partido colonial”.<sup>1</sup> No plano político e ideológico, defendeu a colonização e a exploração dos recursos naturais. A “valorização” foi um termo emblemático da França colonial nos anos 1920 e se manteve nos planos para a valorização econômica da Amazônia desde os anos 1950.

Desde o final do século XIX, a internacionalização das ciências foi sendo cada vez mais constitutiva da formação de impérios coloniais e das zonas de dominação econômica. A exploração ilimitada dos recursos naturais foi, ao mesmo tempo, uma manifestação e uma força motriz, em favor do progresso e do desenvolvimento. Le Cointe, por seu

---

1 Sob o nome “partido colonial” reuniam-se diferentes movimentos, sociedades científicas, partidos políticos, militares, trabalhando juntos para promover a colonização. A Sociedade de Geografia Comercial de Paris (SGCP) foi fundada em 1873.

duplo pertencimento de origem, contribuiu para a consolidação dessas políticas na Amazônia.

## O projeto de Paul Le Cointe

### Le Cointe respondeu a um duplo apelo: à colonização e à Amazônia

O final do século XIX assistiu, na França, ao desenvolvimento da ideologia colonial entre as elites políticas e intelectuais. Jules Ferry (1832-1893), ministro em várias ocasiões na década de 1880, foi um apóstolo da colonização, com o seguinte discurso: “Repito que as raças superiores têm um direito, porque têm um dever para com elas. O dever de civilizar as raças inferiores” (Ferry, 28 jul. 1885).

Já naquela época, a Amazônia fazia parte dos mitos susceptíveis de inspirar os jovens naturalistas. Na década de 1880, Henri Coudreau (1859-1899) publicou seus relatos de exploração na Guiana Francesa. Em 1887, ele publicou *Os franceses na Amazônia (Les Français en Amazonie)*, um apelo à imigração europeia. Jules Crevaux (1847-1882) publicou várias obras sobre suas expedições à Amazônia entre 1873 e 1881. Elas foram amplamente noticiadas na imprensa. Seu assassinato no Chaco, em 1882, também foi noticiado com impacto considerável nos jornais. Natural de Nancy, a cidade lhe dedicou uma rua em 1889, na época em que Le Cointe ali estava, estudando química.

A Exposição Universal de 1889 em Paris foi a ocasião para uma significativa atividade editorial sobre o Brasil. Emile Levasseur (1828-1911) publicou *Le Brésil*. Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901)<sup>2</sup> publicou *Le Pays des Amazones: L'Eldorado, les terres à caoutchouc (O país das Amazonas: o Eldorado, as terras da borracha)*, em 1885. Para a exposição, ele publicou *Le Brésil en 1889 (O Brasil em 1889)* e um *Guide de l'émigrant au Brésil (Guia do emigrante ao Brasil)*. Seus livros (Santa-Anna Nery, 1885, 1889a, 1889b) tinham como objetivo atrair colonos e investidores para a Amazônia. “Queremos ensinar a nossos amigos na França o que está acontecendo nas fronteiras de sua Guiana, que tesouros estão abertos ao seu trabalho e à sua atividade, se eles concordarem

---

<sup>2</sup> Santa-Anna Nery, de Belém, era membro da Comissão Brasileira da exposição de 1889.

em unir forças conosco, seus capitais a nossos capitais para explorar o solo amazônico” (1885, p. VI).

### **Seu projeto: conhecer, explorar e colonizar a Amazônia**

Em 1890, Le Cointe era preparador no Instituto de Química de Nancy com Albin Haller (1849-1925), quando decidiu ir para a Amazônia. Ele solicitou ao Ministério da Educação Pública uma “permissão sem vencimentos” para se estabelecer na Amazônia. A decisão estava tomada: “Parto dentro de alguns meses para a Amazônia brasileira”. Ele se impôs dois objetivos: primeiro, “explorar a região entre o Rio [Paru] e o Rio Branco. Havia um grande interesse por esta região; a parte norte era motivo de disputa entre a França e o Brasil. O segundo objetivo: cinco expedições científicas ou industriais francesas haviam saído de Óbidos para subir o rio Trombetas; jamais ninguém teve qualquer notícia delas. “Explorando a região talvez me seja possível encontrar a causa daquele completo desaparecimento”, disse Le Cointe ao ministro.<sup>3</sup>

Ao ministério, que lhe pediu detalhes, Le Cointe anunciou sua partida para novembro de 1891 e detalhou seu projeto:

Depois de ter explorado o país por cerca de um ano e meio, um amigo montaria comigo uma fazenda em um lugar tão distante quanto os meios de comunicação permitissem. Aproveitando o apoio que me daria e os recursos que me proporcionaria, eu retomaria o estudo desta região a fim de elaborar um mapa o mais completo possível. [...] Tendo reunido uma quantidade bastante grande de informações geográficas e científicas, terei o cuidado de publicá-las, dar a conhecer os recursos do país e seus meios de acesso, e popularizá-las para atrair colonos franceses. [...]. Em resumo, meu objetivo é, como podem ver, iniciar a conquista comercial e industrial da Amazônia em benefício da França.<sup>4</sup>

Ele concluiu:

3 AN F/17/2983/1, carta de Paul Le Cointe ao ministro da Instrução Pública, 11 jul. 1891.

4 Esta citação e a seguinte AN F/17/2983/1, carta (3 páginas) de Paul Le Cointe ao ministro da Instrução Pública, 8 ago. 1891.

Vim a Paris para completar a preparação da minha viagem. Há vários meses, venho estudando cuidadosamente a flora e a fauna do país, bem como todas as informações geográficas reunidas até o momento. Pretendo completar meus estudos preparatórios no Museu e no Observatório Montsouris para poder fazer uma viagem frutífera do ponto de vista científico.

Le Cointe já havia chegado à Amazônia em janeiro de 1892, quando recebeu uma convocação de Paris notificando mudanças de itinerário, pois “a missão oferecia inconvenientes muito graves do ponto de vista diplomático”.<sup>5</sup> A missão foi finalmente cancelada, e o ministério retirou suas recomendações.

Le Cointe, contudo, recusou-se a abandonar seu projeto: “Eu não vim tão longe da França para voltar sem tentar fazer o que me propus; Manaus não está a poucas horas de Paris”.<sup>6</sup> Ele se estabeleceu, portanto, em Óbidos, onde permaneceu até 1916.

## **Os trabalhos científicos de Paul Le Cointe**

Le Cointe trabalhou em muitos campos de conhecimentos numa época em que a especialização ainda era rara: química, botânica, cartografia, geografia, sem nunca perder de vista suas aplicações e seu uso econômico.

### **Os primeiros anos em Óbidos: topógrafo-agrimensor, cartógrafo e explorador**

Em 1892-1893, Le Cointe trabalhou na instalação do telégrafo terrestre entre Belém e Manaus, como chefe do setor entre Óbidos e Alenquer (Le Cointe, 1903b, p. 54).<sup>7</sup>

A colonização e a integração do planejado estado brasileiro do Baixo Amazonas foram dois dos principais problemas da época. Entre de-

5 AN F/17/2983/1, carta do Ministério a Le Cointe, 30 dez. 1891.

6 AN F/17/2983/1, carta de Le Cointe ao Ministério de Instrução Pública, 6 fev. 1892.

7 Ver também CADN, Rio-Óbidos, C77, carta de Le Cointe, de 15 out. 1899 ao cônsul, anexada à carta de 31 out. 1899 do cônsul de Belém ao embaixador.

limitações, demarcações de propriedades, mapas, infraestrutura a ser construída, locais de obras consideráveis, ele facilmente encontrou seu lugar (Stoll et al., 2017).

Em 1894, ele dirigiu a abertura da estrada de Manaus para os campos de Rio Branco, como prenúncio para a construção da ferrovia. Em 1895, diplomou-se topógrafo-agrimensor do estado do Pará, cargo que ocupou até 1912. Esta função permitiu-lhe realizar numerosas demarcações. Permitiu, em paralelo, que realizasse levantamentos de exploração. Em 1895-1896, ele fez mais duas viagens de exploração ao norte de Óbidos, na bacia do Trombetas (Le Cointe, 1903b, p. 54).

Le Cointe descreveu sua maneira de combinar o trabalho de agrimensor e as explorações:

O mapa anexo a esta edição foi elaborado tomando como eixo os levantamentos topográficos da estrada aberta em 1892-1893 entre as cidades de Faro e Alenquer para o estabelecimento da linha telegráfica que ligaria Manaus a Belém [...]. Irradiando de cada lado desta linha – que foi determinada com a maior precisão pelo teodolito e pela cadeia de topógrafo<sup>8</sup> – fiz uma série de pequenas viagens sucessivas para fazer o levantamento das medidas dos ‘paranáis’, ou canais, e dos lagos que se estendem ao longo das margens do rio (Le Cointe, 1903b, p. 54).

Esse trabalho de levantamento topográfico foi muito longo; 16 anos, por exemplo, para finalizar seu mapa do Baixo Amazonas, publicado em 1911. O que deu lugar a numerosas publicações, entre 1900 e 1920: descrições, relatos e mapas foram publicados na França, no *Bulletin de la SGCP*, ou nos *Annales de Géographie*.

## **Geografia econômica**

### ***A Amazônia brasileira***

Além da cartografia, suas publicações estão principalmente no campo da geografia econômica. Seu livro mais conhecido é *L'Amazonie*

8 [N. Org.] Cadeia de topógrafo é tradução de *chaîne* – instrumento para medidas de limites de terreno.

*brésiliènne [A Amazônia brasileira]*, em dois volumes, que terminou de escrever em 1916, em Óbidos, e publicou em 1922, em Paris. É uma síntese de vários artigos publicados. Sua vocação prática é explícita: o livro é um “guia para o colonizador e para o viajante”, assumindo a mesma perspectiva de Santa-Anna Nery em 1889.

Ele havia descrito seu projeto ao cônsul de Belém em 1899: “Estou trabalhando em um ‘guia para o colonizador e o viajante’, um trabalho volumoso que eu já teria concluído se todos os problemas que estão acontecendo comigo não me fizessem perder o melhor do meu tempo”.<sup>9</sup>

Segundo ele, a Amazônia é uma região bem situada para a influência francesa e tem vocação para se tornar sua colônia comercial:

Sendo já seus vizinhos mais antigos por causa da Guiana, deveríamos assegurar ali uma espécie de colônia comercial de primeira ordem, que [...] teria a vantagem certa de dar grande saída para os nossos produtos manufaturados. Tudo nos convinha: a comunidade de origem, a raça e a língua, nossa situação predominante entre os povos latinos, a analogia de nossas organizações políticas, e até mesmo uma certa simpatia adquirida, decorrente da influência moral visivelmente exercida na mente do amazônida pela história de nosso país, pelas obras de nossos artistas e escritores, que às vezes nos surpreende ao ver que as conhecem tão bem (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 4).

É um livro clássico, com seções sobre rios, cidades, clima, vias de comunicação, indústrias extrativas ou manufatureiras, atividades agrícolas e florestais, fauna, flora. Mas a dimensão econômica é estruturante, e a geografia humana, quase inexistente. A borracha ocupa um lugar amplo (150 páginas), desde os aspectos botânicos e técnicos até sua comercialização.

### ***Ausência da geografia humana***

Não há um capítulo sobre população, mas apenas um subcapítulo sobre “raça e povoamento” de cerca de 20 páginas no final do capítulo sobre clima, que conclui:

---

9 CADN, Rio-Óbidos, C77, carta de Le Cointe, de 15 out. 1899, ao cônsul, anexada à carta de 31 out. 1899, do cônsul de Belém ao embaixador.

Para a Amazônia, o povoamento é um problema-chave. Se quisermos evitar um desperdício desproporcional aos resultados que vamos obter, é somente a emigrantes cuidadosamente selecionados por raça, saúde, costumes, treinamento e metodicamente guiados muito de perto nos debates, que podemos confiar a colonização do país (Le Cointe 1922a, v. 1, p. 217-239).

Das cerca de dez páginas dedicadas aos ameríndios, poucas estão isentas de voos racistas e de julgamentos morais. Poder-se-ia multiplicar as citações. Assim, “os selvagens do Brasil nunca formaram um grupo social superior à tribo”, “tudo na vida do índio é rude e primitivo, sua linguagem é infantilmente simples”. Ele é “parecido com os animais”. “Ao tentar civilizar um povo selvagem, apenas se lhes dá novos vícios que, pouco a pouco, os fazem desaparecer” (Le Cointe 1922a, v. 1, p. 217-239).

Os mesmos preconceitos são encontrados nas páginas dedicadas aos afro-brasileiros, em que Le Cointe lamenta:

a abolição da escravidão e a proclamação sem transição da igualdade absoluta do negro e do homem branco [...] Longe de elevar o negro, dando-lhe o direito de roubar e parar de trabalhar, ele ficou sem apoio contra seus dois vícios principais e incuráveis: a preguiça e a vaidade. [...] Em todo caso, o negro deveria ter sido emancipado pouco a pouco e não lançado subitamente numa civilização que não era a sua (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 217-239).<sup>10</sup>

Le Cointe defende um branqueamento renovado da população como condição do progresso:

Um conjunto de criminosos e aventureiros sem fé ou lei foi, portanto, a principal linhagem do elemento branco que se desenvolveria ao lado do índio, que ele apenas perverteria, e é dela que descende a população mestiça, hoje a mais importante, pela união, a princípio quase exclusiva, de pais europeus e mães indígenas. Ela se ressentiria por muito tempo dessa origem, e seria necessária a infusão constante de sangue mais puro para acelerar o lento trabalho de regeneração (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 219).

10 A abolição da escravidão no Brasil data de 1888, pouco tempo antes da chegada de Le Cointe.

### ***Autoapresentação tardia***

Em 1948, numa carta a Fernand Braudel (1902-1985), ele voltou à sua posição científica e geográfica longe do centro, destacando o caráter positivo:

Quando, após ter vivido durante trinta anos em diferentes regiões do Rio Mar, entre 0 e 5.000 metros de altitude, escrevi meu livro *A Amazônia brasileira* [...] Eu vivia em Óbidos, uma cidade muito pequena às margens do rio, a 1.000 km a montante de sua foz, a uma curta distância de uma plantação de cacau e de borracha e de uma pequena fazenda de gado que me pertencia; fui assim colocado como se estivesse diante do assunto em discussão, a uma distância suficiente do centro de todas as atividades, Belém, a capital do Pará, isolado, assim, de toda influência direta de opiniões improvisadas e contraditórias, podendo conservar rigorosamente a indispensável independência de julgamento de um observador estrangeiro, percebendo claramente, com os detalhes, o conjunto formado por sua reunião.

Ele apresentou seu livro da seguinte forma:

Após ter publicado alguns mapas geográficos, pude arriscar uma descrição geral, não só física, mas também econômica e social, usando da maior franqueza, sem poupar numerosas críticas bem documentadas, nem as sugestões correlatas que o estudo de um país ainda em sua infância, apesar de vários séculos de colonização, não poderia deixar] de provocar. Tive a grande satisfação de ver minha *Amazônia brasileira* [bem] recebida em todos os lugares, e especialmente no Brasil, como eu jamais ousaria esperar (Le Cointe, 1948, p. 575-576).

### ***Outros trabalhos de economia***

Em 1904, ele publicou um primeiro artigo sobre o desenvolvimento econômico da Amazônia. Seguiram-se vários artigos sobre a borracha, nos anos 1910. Em 1924, publicou *Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica*, para uma exposição sobre sementes oleaginosas, no Rio de Janeiro. Esse livreto foi reimpresso muitas vezes até 1939 e, em 1927, traduzido para o francês, para uma exposição internacional sobre a borracha, em Paris. Ele publicou uma segunda obra de síntese, *O estado do Pará*, em 1945,

encomendado pelo governo do Pará, para ser usado como livro didático nas escolas.

Em 1949, Le Cointe participou com Fernand Braudel e Pierre Monbeig de uma contribuição coletiva sobre o Brasil na revista *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*. Sob o título “Ressurreição da Amazônia”, ele desenvolveu uma análise do Plano de Valorização Econômica da Amazônia que o novo regime brasileiro havia acabado de lançar (Le Cointe, 1949a, p. 484-486). Uma de suas últimas publicações foi “Apostamento para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia”, na revista *Economia Amazônica* (Le Cointe, 1949b), que foi uma crítica severa a esse plano.

### **Botânico aplicado**

Le Cointe fez numerosos intercâmbios com os botânicos Jacques Huber (1867-1914) e Adolfo Ducke (1876-1956). Muitas de suas publicações contêm elementos de botânica. Mas a principal publicação nesse campo é um dicionário de plantas úteis, a saber, o volume 3, *Amazônia brasileira*, em português, concluído em 1932 e publicado em 1934 em Belém, cujo subtítulo dá o conteúdo: “Árvores e plantas úteis (indígenas e aclimatadas). Nomes vernáculos e nomes vulgares. Classificação botânica. *Habitat*. Principais, aplicações e propriedades”. O livro teve uma segunda edição, revisada, publicada em 1947, na coleção Brasileira, sublinhando o escopo da obra. É “um pequeno dicionário”, diz Le Cointe em sua introdução. Adolfo Ducke releu-o todo antes da publicação e corrigiu as identificações errôneas.

A perspectiva de Le Cointe foi explicitamente a de “plantas úteis”: reunir (em um dicionário) conhecimentos botânicos e práticos sobre árvores e plantas, assim como seus usos reais ou potenciais, e as condições de sua colheita. De certa forma, o trabalho completaria o registro geográfico que ele havia feito no início do século em seus mapas, nos quais, às vezes, esses recursos estavam localizados. Mais do que nunca, seu objetivo era desenvolvê-los e comercializá-los.

Para cada espécie, ele informou o *habitat*, a distribuição geográfica, as propriedades e o uso “popular”, particularmente medicinal. Um qua-

dro alfabético de nomes científicos os relaciona com os nomes comuns. Na verdade, muito poucos eram de origem especificamente indígena.<sup>11</sup>

## **Químico de plantas**

Químico, formado pelo Instituto de Química, em Nancy, em 1890-1891. A química retornou ao centro de suas atividades com a criação, em novembro de 1921, da Escola Paraense de Química Industrial, em Belém. Esse retorno à química não o impediu de continuar a intervir no domínio da geografia econômica, com discussões recorrentes sobre a borracha e o desenvolvimento da Amazônia.

## ***Museu Comercial do Pará***

Em agosto de 1919, ele apresentou o Museu Comercial durante um jantar parisiense do SGCP. Essa apresentação foi publicada sob o título “Impressões da Amazônia” no *Boletim do SGCP* (Le Cointe, 1919a, p. 208-210). Ele foi nomeado diretor do museu, em 7 de novembro de 1919, quando de seu retorno de Paris. O primeiro objetivo do museu era ser uma exposição permanente de produtos paraenses. Entretanto, em uma nota,<sup>12</sup> no final de 1918 para o Ministério das Relações Exteriores francês, Le Cointe indicou que haveria também um “serviço técnico responsável por classificar e estudar os elementos para o desenvolvimento da região, e por popularizar as lições práticas e indispensáveis a fim de provocar o aumento e a melhoria de sua produção”. Esboçou, então, como seria a futura Escola de Química.

---

11 Ele foi acusado de invisibilizar os saberes indígenas na maneira como tinha reunido as informações, principalmente aquelas concernentes às plantas medicinais (Romani, 2008, p. 51).

12 Carta do vice-cônsul da França no Pará ao ministro das Relações Estrangeiras, 30 dez. 1918, com duas notas de Le Cointe, anexas (Archives Diplomatiques, La Courneuve, série B-Amérique 1818-1940, Vice-consulat du Para, caixa 36).

## *Escola de Química Industrial do Pará*

A importância da química durante a Primeira Guerra Mundial levou o governo federal a decidir desenvolver a educação superior em química em seis cidades, incluindo Belém. As ainda rudimentares “instalações” do museu foram usadas como base para a criação da Escola de Química Industrial do Pará, e para reunir os fundos estaduais necessários.<sup>13</sup>

A Escola de Química Industrial do Pará (EQIP) foi inaugurada em 16 de novembro de 1921.<sup>14</sup> O corpo docente era formado por cientistas brasileiros, de Belém, Antônio Marçal e Renato Franco, e dois químicos franceses, Charles Paris e Raymond Joannis. Eles chegaram em meados de 1921 e deram cursos preparatórios antes da abertura da escola,<sup>15</sup> em 16 de janeiro de 1922. Depois outros professores franceses assumiram o cargo. A EQIP valorizou a pesquisa prática nos laboratórios. A Escola de Química foi fechada quando cessou o financiamento federal, de Vargas, em 1930. Nesse tempo, nove alunos concluíram o curso e apresentaram as teses necessárias para a obtenção de seu diploma.

Para divulgar o trabalho dos professores e alunos da EQIP, Le Cointe comprometeu-se a publicar um *Boletim da Escola de Química Industrial do Pará*, cujo primeiro número foi lançado em 1929. O fechamento da escola impediu a continuação dessa publicação. Nela, foi resumida a tese de Clara Barrau do Amaral Martins (que seria sua principal sucessora) *Contribuição para o estudo químico das plantas amazônicas*. Essa tese, juntamente com os químicos formados pela escola, criou toda uma tradição em química das plantas no Pará, iniciada por Le Cointe.

13 Uma oportunidade magnífica. AC-UFPA, dossiê Associação Comercial do Pará, carta de Le Cointe à Associação Comercial, 4 set. 1920.

14 Sobre a história da escola: Machado (2015); AC-UFPA, Pandolfo, Clara Martins, *Relatório sobre a história da escola até 1961*. Bem como numerosos documentos no dossiê AC-UFPA, Associação Comercial do Pará.

15 AC-UFPA, dossiê Associação Comercial do Pará, Le Cointe, histórico da Escola, 1922. Esse dossiê inclui ainda relatórios anuais de Le Cointe sobre a EQIP, os professores, as pesquisas etc.

## **Especialista em borracha**

Le Cointe foi autor de numerosos artigos sobre borracha e propostas para sua produção na Amazônia, notadamente em *Le Caoutchouc et la Gutta-Percha [A borracha e a guta-percha]* e no *Bulletin de la SGCP*. Ele foi gerente de plantação na Bolívia e em Óbidos e, por breve período, diretor de um centro de pesquisa de borracha em Manaus.

Ainda hoje é reconhecido como um especialista em borracha, tanto em termos de cultivo da borracha quanto em economia e comércio da borracha. Como tal, ele é mencionado em livros como *A luta pela borracha*, de Warren Dean. e *História econômica da Amazônia, 1800-1920*, de Roberto Santos.

### ***Diretor de plantação em Madidi (Bolívia)***

Forçado a deixar Óbidos por algum tempo, ele optou por colocar seus conhecimentos sobre a borracha em prática, tornando-se gerente de uma plantação de borracha em Beni, Bolívia, de propriedade da *Compagnie Devès* (Paris). Combinou esta função com explorações, como na década de 1890, durante uma viagem circular de Belém a La Paz pelo Canal do Panamá, entre junho e novembro de 1900.

Chegou a Madidi em 17 de novembro de 1900. Mas sua experiência como gerente foi de curta duração. No final de agosto de 1901, ele foi pego em uma briga entre os funcionários da plantação, ele mesmo autor de um assassinato, e foi preso em Riveralta em 10 de setembro. Em prisão domiciliar, conseguiu partir para o Brasil em 10 de dezembro, mas foi considerado “fugitivo” pelo sistema de justiça boliviano.<sup>16</sup> Retornou a Óbidos em janeiro de 1902.

### ***La Compagnie Agricole et Commerciale du Bas-Amazone***

Le Cointe utilizou as propriedades familiares para diferentes pesquisas e para experimentar uma cultura mista de seringueira e cacauieiro (Stoll et al., 2017, p. 71). Essas terras e uma estação de procriação estão

---

16 CADN-La Paz sucessão. As aventuras de Le Cointe em Madidi e Riveralta foram descritas em vários relatórios e cartas que se encontram nos arquivos da Embaixada da França em La Paz.

localizadas perto de Óbidos. Lá recebeu visitantes interessados em suas experiências e observações botânicas ou entomológicas.

Em 12 de março de 1907, ele e vários sócios fundaram a *Compagnie Agricole et Commerciale du Bas-Amazone (CACBA)*, em Paris, visando adquirir, desenvolver e operar plantações na região de Óbidos. A empresa explorava 4.500 hectares de cacau e seringueiras.<sup>17</sup> Le Cointe foi o diretor da empresa em Óbidos.

Victor Cayla (1880-1958) e Oscar Labroy (1877-1953) foram chamados pelo governo brasileiro para estudar as condições para o desenvolvimento das plantações de borracha (Labroy, 1913). Durante sua missão, eles visitaram a plantação de Le Cointe e estudaram seus métodos (*Bulletin de la SGCP* [1912], 1923, p. 207-208).

Os conflitos internos da CACBA e a queda acentuada dos preços da borracha em 1911 colocaram a plantação de Óbidos em dificuldade. A empresa deixou de existir, provavelmente em 1913, o que não impediu que as plantações de Le Cointe fossem visitadas novamente. A missão “Rondon-Roosevelt” passou por lá, em 1913.

### ***Diretor da Estação de Teste***

O Governo Federal, em 1921, adotou um plano para a defesa econômica da borracha, que incluía a criação de sete estações experimentais de borracha. Le Cointe fez uma forte análise crítica deste plano (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 405-408). No ano seguinte, 1913, ele foi nomeado pelo Governo Federal brasileiro para administrar a estação de testes de borracha planejada no estado do Amazonas (p. 411), após ter sido rejeitado para a estação do Pará (Dean, 1989, p. 104) em favor de Labroy.<sup>18</sup> A estação foi abandonada em 1915 por razões de economia. Suas críticas tinham como contraponto um programa de 18 pontos para desenvolver o cultivo da borracha na Amazônia (Le Cointe, 1922a, v. 1, p. 417-419).

17 CADN, Rio-Óbidos, C77, carta de 14 mar. 1908, de Hanoteau ao embaixador no Rio. O estatuto da Cacba estava anexado à esta carta.

18 Ele tinha proposto que aquelas plantações fossem o embrião da estação do Pará, para evitar que ela partisse do zero.

### ***Borracha sempre***

Em 1923, uma missão americana percorreu a Amazônia para estudar a borracha. Uma equipe brasileira foi formada para acompanhar esta missão. Le Cointe foi o especialista para o trajeto ao Pará.

Em 1927, embora não estivesse presente, ele contribuiu para a sétima exposição internacional de borracha em Paris. Nessa ocasião, publicou a tradução francesa de seu “Apontamentos...” (Le Cointe, 1924a). Em 1940, elaborou um estudo comparativo de goma natural e sintética para a Associação Comercial do Pará (Le Cointe, 1940a) e propôs um projeto para um instituto de borracha na Amazônia (Le Cointe, 1940b).

## **Le Cointe, um cientista colonial francês**

### **Société de Géographie Commerciale de Paris (SGCP)**

Essa sociedade foi a âncora de Le Cointe nas redes de cientistas coloniais franceses. Ela era parte da ala científica do Partido Colonial na França, da qual Le Cointe foi eleito membro em 1896 e no qual permaneceu ativo por mais de vinte anos.

### ***SGCP ao serviço da colonização e do comércio***

A partir da segunda metade da década de 1890, Le Cointe começou a construir redes na França, confiando nas relações que tinha estabelecido no Museu de Paris quando da preparação da sua viagem para o Brasil. Em 1896, seu caminho se cruzou, em Óbidos, com o de Charles Wiener,<sup>19</sup> que o indicou para ser agente consular em Óbidos. Nessa qualidade, Le Cointe foi eleito membro do SGCP em 3 de novembro de 1896.

A SGCP foi fundada em 1873, pela Société de Géographie,<sup>20</sup> que era uma sociedade histórica erudita, com a qual manteve vínculos. Seu objetivo era contribuir para o desenvolvimento comercial das empre-

---

19 Charles Wiener (1851-1913) foi um “explorador” e linguista que percorreu a América Latina (notadamente o Peru) entre 1874 e 1910. Ele foi muito presente na SGCP.

20 Sociedade histórico-científica, fundada em 1824, reunia os geógrafos profissionais e tinha um reconhecimento científico mais forte que a SGCP.

sas na França e no mundo inteiro. A sociedade publicava um boletim, organizava conferências e reuniões mensais, redigia relatórios e concedia prêmios e medalhas. Operava por meio de quatro seções, uma das quais era “exploração de produtos naturais e industriais” e outra “colonização e emigração”.

### *Le Cointe é um membro ativo do SGCP*

Le Cointe participava dos jantares mensais quando estava em Paris. Foi o caso, em 1902, pouco depois de seu retorno da Bolívia. Ele esteve presente em maio, junho e julho.<sup>21</sup> Aproveitou aquela estadia para tentar, por meio de contato diretamente com o ministério, recuperar seu posto de agente consular em Óbidos, mas não teve êxito, e o pedido foi recusado em 1903.<sup>22</sup>

O *Bulletin de la SGCP* informou sobre sua participação nos jantares mensais, em várias ocasiões, entre agosto de 1906 e maio de 1907.<sup>23</sup> Em 19 de março de 1907, ele recebeu a medalha de oficial de Instrução Pública, em cerimônia oficial da SGCP. Sua presença foi novamente relatada em dezembro de 1909 e janeiro de 1910 e, também, entre março e dezembro de 1911. No final de 1911, ele deu uma palestra com Paul Walle sobre “O Brasil e sua borracha: o Pará”.

Le Cointe fez uma última viagem a Paris em 1919. De acordo com um relatório do vice-diretor do Museu Comercial, escrito durante a viagem de Le Cointe, ele estava em Paris para adquirir material científico e promover os produtos do Pará.<sup>24</sup> Em julho, agosto e setembro, participou das refeições do SGCP. Em agosto, apresentou o Museu Comercial e suas “impressões da Amazônia”.

Em uma carta a Auguste Chevalier, de 23 de maio de 1928, lamentou não poder mais viajar para Paris: “Eu gostaria de ir e passar algum tempo na França, mas é difícil para mim: viajar é muito caro e dificilmen-

21 O *Bulletin de la SGCP* publicou a resenha dos debates e a lista de participantes dos jantares mensais.

22 CADN, Rio-Óbidos, C77, carta de Le Cointe de 30 jul. 1902 ao ministro; carta de 8 nov. 1902 de Le Cointe ao cônsul de Belém; carta de 23 mar. 1903 do cônsul à Le Cointe.

23 Agosto, setembro, outubro e novembro de 1906. Janeiro (quando lhe prestam uma homenagem por seu trabalho sobre a borracha), fevereiro, abril e maio de 1907.

24 AC-UFPA, dossiê Escola de Química Industrial.

te posso abandonar por vários meses os serviços sob minha responsabilidade. Espero, entretanto, que a oportunidade se apresente, e terei grande prazer em ir vê-lo; aqui eu permaneço à sua inteira disposição”.<sup>25</sup>

### ***Publicações de Le Cointe na França***

Ele fez do *Bulletin de la SGCP* seu principal local de publicação. Seu primeiro artigo, escrito a pedido do SGCP, foi publicado em 1902 após seu retorno da Bolívia e dizia respeito ao Acre. Uma dúzia de outros artigos se seguiram até 1919. Ele também publicou em *Les Annales de Géographie*, a revista da Société de Géographie, a partir de 1903. Nela, desenvolveu ainda mais as observações feitas durante suas viagens, notadamente com mapas (Le Cointe, 1903b). Publicou, também, um mapa do curso do Amazonas (Le Cointe, 1906d, 1907b) e um mapa detalhado do Baixo Amazonas (Le Cointe, 1911).

Suas outras publicações estão, para produtos amazônicos, no *Journal d’Agriculture Tropicale* e, para a borracha, na *Revue du Caoutchouc et de la Gutta-Percha*. Posteriormente, também publicou na *Revue de Botanique Appliquée et d’Agriculture Coloniale*,<sup>26</sup> fundada por Auguste Chevalier em 1921.

### **Prêmios e homenagens**

#### ***Os prêmios***

Em 1904, ele recebeu o Prêmio Pra da SGCP, reservado para a América Latina. Conforme o SGCP,

Importantes e repetidas são as comunicações que o Sr. Le Cointe enviou de Óbidos e do norte do Brasil para nossa Sociedade. Ele tem estudado bem as regiões nas quais a vida não é fácil para os franceses. Monsieur Le Cointe, portanto, presta verdadeiros serviços avisando o emigrante do que ele encontrará na Amazônia, e seus conselhos são tanto mais valiosos quanto a Amazônia

25 Muséum National d’Histoire Naturelle, arquivos de Chevalier, folha solta no seu diário de viagem de 1928 ao Brasil. AC-UFPA, dossiê Escola de Química Industrial.

26 “Colonial” torna-se “tropical” após a viagem de Chevalier ao Brasil, em 1928.

é uma grande reserva para a futura colonização (Bulletin de la SGCP, 1905, p. 114).

Em 21 de novembro de 1919, foi eleito membro da Société de Géographie (La Géographie, 1919, p. 632). Apadrinhado por Paul Rivet (1876-1958), recebeu, em 1920, o prêmio Logerot da Société, por seu trabalho cartográfico. Mas, além disso, Le Cointe foi recompensado, sobretudo, por ter sempre em vista, durante suas explorações, “o estudo econômico dos países visitados, o que fez como cientista e naturalista” (La Géographie, 1920, p. 185).

Publicado em Paris em 1922, *L'Amazonie brésilienne* lhe rendeu vários prêmios: o prêmio Binoux da Académie de Sciences, concedido em 18 de dezembro de 1922,<sup>27</sup> e a medalha Crevaux da SGCP, em 1923, na qual foi destacada a dimensão econômica (Revue d'Économie Française, 1923, p. 226-227).<sup>28</sup>

Mas aqui está uma grande obra, escrita em 1914, concluída desde então, publicada em 1922. É, em dois grandes volumes, a ‘soma’ do conhecimento econômico sobre a Amazônia brasileira, livros em que a documentação pessoal controla, com sagacidade, uma série de materiais pacientemente reunidos. Clima, rotas de transporte, florestas, colheitas, animais, mão de obra, costumes, tudo é estudado com escrupuloso cuidado e sincera imparcialidade, com base em longa experiência. Uma fonte abundante que irá atrair não só o capitalista, o emigrante, o comerciante, mas também o geógrafo, o estudioso, o francês curioso em saber. Um trabalho enorme e confiável, o trabalho de um homem de ciência e um homem de ação.<sup>29</sup>

27 Académie des Sciences, Serviço de Arquivos, Prêmio Binoux, dossiê Le Cointe, relatório do general Ferrié: “A obra de Mr. P. Le Cointe é uma obra vivida, verdadeiramente pessoal, e não uma compilação. É também o trabalho mais imparcial e o mais documentado que foi publicado sobre a Amazônia, em língua francesa”.

28 Esta publicação é a continuação, após 1919, do *Bulletin de la SGCP*.

29 Le Cointe foi premiado com medalhas na ocasião do cinquentenário da SGCP, em 1923. Rivet havia recebido o prêmio Crevaux em 1922 e o general Rondon o ganharia em 1924.

### ***Legião de Honra***

Em 29 de julho de 1927, por ocasião da Exposição Internacional de Borracha, em Paris, Le Cointe foi nomeado Chevalier de la Légion d’Honneur, distinção para a qual ele havia sido indicado desde 1924. Sua ficha de informação destacou o emprego de professores franceses de química na EQIP.<sup>30</sup>

Ele subiu na hierarquia e foi nomeado oficial em 16 de março de 1948. A Chancelaria enfatizou o reconhecimento de sua experiência pelas autoridades brasileiras, em especial o reconhecimento de sua experiência pelas autoridades brasileiras, particularmente pela “penetração” (colonização) na Amazônia:

O Sr. Le Cointe fez brilhar o pensamento e a atividade da França em todo o norte do Brasil. Como geógrafo e cartógrafo, ele é atualmente reconhecido como a maior autoridade sobre as condições físicas, econômicas e etnográficas da bacia amazônica. Sua competência, muito apreciada pelo governo brasileiro, lhe valeu o cargo de diretor do Museu Comercial de Belém, no Pará, por muitos anos e a responsabilidade de importantes investigações oficiais relativas à penetração em toda a região Norte.<sup>31</sup>

Em uma carta de agradecimento, Le Cointe escreveu: “Para um francês que vive há tanto tempo longe da França, esforçando-se para lhe ser útil e fazê-la amada no exterior, tal distinção é certamente a mais bela recompensa que ele poderia receber no final de sua carreira”.

### ***Cargos diplomáticos***

As relações entre Le Cointe e os diplomatas oficiais franceses, por muito tempo, foram complicadas. Ele se mudou para a Amazônia contra as ordens ministeriais, e não era um diplomata de carreira.

Le Cointe tinha sido agente consular em Óbidos de 1896 a 1900, mas teve que renunciar quando foi forçado a partir para a Bolívia após incidentes violentos nos quais esteve envolvido em Óbidos.

30 AD-protocolo, dossiê Légion d’Honneur, 1927.

31 AD-protocolo, dossier Légion d’Honneur, 1948. A carta de agradecimentos de Le Cointe é datada de 12 maio 1948.

Ele procurou repetidamente recuperar aquele posto após seu retorno, e depois assumir um novo em Belém, mas a memória desses incidentes, assim como daquele que o forçou a fugir da Bolívia, lhe valeu a persistente hostilidade do pessoal diplomático no Brasil e do ministério. No máximo, foi gerente do Consulado de Belém, uma espécie de vice-cônsul sem o título e, depois, agente consular.

A situação se tornou mais complicada em 1945, pois Le Cointe estava em conflito com o representante oficial da França Livre, em Belém, um médico português chamado Cardoso. Segundo o embaixador, “embora nunca tenha escondido seu ‘ardente desejo’ de ver a Alemanha derrotada, a moderação de sua idade e caráter o colocou em oposição a Cardoso”.<sup>32</sup> Esse assunto não impediu sua promoção a oficial da Legião de Honra. Em 1946, ele foi finalmente nomeado “cônsul honorário”, em Belém.

### ***O Instituto Internacional da Hileia Amazônica (IIHA)***

No contexto da preparação do Instituto Internacional da Hileia Amazônica (IIHA), as autoridades francesas procuraram incorporar Le Cointe, apesar de sua idade. Um comitê cultural franco-brasileiro foi criado em Belém, e poderia financiá-lo para realizar estudos amazônicos.<sup>33</sup> O embaixador no Rio propôs que ele fosse nomeado assessor da futura comissão que Paulo Carneiro queria criar no Pará para o IIHA.

32 CADN. Carta de 17 ago. 1945, despachos, cronológico, correio do Rio de Janeiro, Embaixada, fundos B, caixa 12.

33 Carta de Paulo Duarte à Henri Laugier, 29 jan. 1946, sobre as relações franco-brasileiras e o projeto da Hileia Amazônica. Arquivos diplomáticos, La Courneuve, relações culturais, sub-série ensino 1945-47, caixa 146 (Brésil), dossiê correspondência. A carta do embaixador, de 7 nov. 1945, está no mesmo dossiê.

## Le Cointe, Chevalier e as plantas úteis

### *Auguste Chevalier*<sup>34</sup>

Auguste Chevalier foi uma figura central na ciência colonial francesa na primeira metade do século XX. Nas duas primeiras décadas ele realizou numerosas missões na África, e grande parte dos trabalhos que resultaram dessas missões diziam respeito a plantas úteis na África. Uma especificidade de Chevalier, em comparação com seus colegas botânicos coloniais, era seu interesse pelos conhecimentos, práticas e usos de plantas pelas populações locais. A partir de 1921, Chevalier publicou uma revista, a *Revue de Botanique Appliquée et d'Agriculture Coloniale*, para se colocar no centro das redes de naturalistas e agrônomos tropicais em escala internacional. Foi o autor de inúmeras notas e resenhas que colocaram isso em prática. Nessa qualidade, esteve em contato com vários dos mais importantes naturalistas brasileiros.<sup>35</sup> Embora tenha feito apenas uma viagem ao Brasil (principalmente a São Paulo) em 1928, ele manteve correspondência com Jacques Huber, Adolfo Dücke, Alberto José de Sampaio (1881-1946) e Alberto Löfgren (1854-1918). Também recebeu vários naturalistas brasileiros em seu laboratório no Muséum de Paris, incluindo Pio Corrêa (1874-1934), autor de um *Dicionário das plantas úteis do Brasil* em vários volumes, contemporâneo da obra de Le Cointe sobre o mesmo assunto.

Le Cointe esteve em contato com Chevalier por meio de sua participação conjunta no SGCP, desde os primeiros anos do século XX, mesmo que, ausente de Paris na maior parte do tempo, não tenham se cruzado muito. Seus problemas se sobrepunham, na maioria, aos de Chevalier: trabalho com plantas úteis, aplicação da botânica às culturas.

### *A valorização das plantas úteis*

A referência a “plantas úteis” é uma constante nas políticas de “desenvolvimento”, muitas vezes de origem colonial. Marcou a botâni-

34 Em Petitjean (2012) foram estudadas as semelhanças e dissemelhanças entre Chevalier e Le Cointe sobre a questão das plantas úteis.

35 Ver correspondência de Chevalier nos arquivos do Muséum. A correspondência com Le Cointe encontra-se no mesmo local.

ca nos impérios coloniais e, além, nos países tropicais. Durante o período colonial, botânicos, médicos, agrônomos, etnólogos lançaram mão dessa noção para legitimar seu trabalho na colonização e na exploração dos recursos naturais. O discurso da “missão civilizadora” refletia um chamado “altruísmo colonial” cujo objetivo era a utilização dos recursos naturais para “o bem de toda a humanidade”, o que as populações locais eram, evidentemente, “incapazes de realizar por si mesmas”.

A influência colonial sempre ocupou lugar, nas obras de Le Cointe, pela exploração dos recursos naturais e pelo desenvolvimento. Acima de tudo, ele retomou a questão das plantas úteis no terceiro volume de sua *Amazônia brasileira*.<sup>36</sup>

### ***Le Cointe e a “Revue de Botanique Appliquée et d’Agriculture Coloniale” (RBA)***

Le Cointe publicou vários artigos na revista de Auguste Chevalier, a *Revue de Botanique Appliquée et d’Agriculture Coloniale* (RBA). Mas ele foi, principalmente, um colaborador oficial até sua morte.

Chevalier revisou os dois primeiros volumes do *Amazonie brésilienne*, em 1922, na RBA,<sup>37</sup> insistindo, em particular, na composição da obra: geografia econômica (a especialidade de Le Cointe, segundo ele), com longos desenvolvimentos sobre a exploração da borracha, a botânica aplicada para o cultivo de produtos florestais, o cacau e outras culturas clássicas; as partes mais “naturalistas” tomou de empréstimo dos melhores especialistas: Emilio Goeldi para a fauna, Adolfo Ducke e Jacques Huber para as plantas.

No terceiro volume, Chevalier também enfatizou a importância de combinar nomes científicos e vernáculos, e de mencionar os usos tradicionais das plantas.

36 Ver a parte “Botânico aplicado” deste capítulo.

37 Para os volumes 1 e 2: RBA, v. II, p.385-389, 1922; para o volume 3: RBA, v. XIV, p. 547, 1934, para a primeira edição; RBA, v. XXVIII, p. 277, 1948, para a segunda edição.

## **Considerações finais: globalização científica, eurocentrismo, colonialidades**

Le Cointe participou da sociedade colonial francesa, da qual trouxe para o país a ideologia (a missão civilizadora) e as concepções de desenvolvimento econômico, inclusive com seus piores preconceitos (raças e sua hierarquia). Ao mesmo tempo, integrou-se plenamente às elites científicas e políticas paraenses, defendendo uma “valorização” da Amazônia baseada no mesmo modelo: o extrativismo, a exploração dos recursos naturais para fins econômicos e comerciais, acompanhada da repressão das populações indígenas, seus modos de vida e seus saberes.

Não se pode separar a obra científica de Le Cointe do propagandista que ele foi da colonização e do racismo. A sua ideologia colonial foi também fator do seu reconhecimento científico, conforme as justificativas dadas aos seus diversos prêmios e medalhas. Se hoje é comum falar em “colonialidade” para as ciências sociais, isso afeta os naturalistas tanto em sua relação com o conhecimento indígena, que é, na melhor das hipóteses, incompreendido ou invisível e, na pior das hipóteses, saqueado.

Tudo isso fez de Le Cointe uma figura atípica para um cientista francês no Brasil do final do século XIX até meados do século XX. Afastou-se das formas de diplomacia cultural ou mesmo de cooperação intelectual do Instituto Franco-brasileiro de Alta Cultura que marcou, sobretudo no Rio e em São Paulo, o mesmo período, entre 1910 e 1950 (Petitjean, 1996).

Le Cointe também está muito longe dos viajantes, naturalistas ou antropólogos que viajaram pela Amazônia e coletaram resultados e depois retornaram com eles para a metrópole. Com a mesma ideologia extrativista (natureza como um recurso ilimitado), os mesmos preconceitos sociais e raciais, ele não teve muita dificuldade em encontrar seu lugar nas elites amazônicas de seu tempo nem em encontrar o reconhecimento das autoridades francesas como agente consular em Óbidos e, depois, em Belém.

De forma mais profunda, Le Cointe encarnou a realidade da ciência ocidental e da globalização científica. Elas são parte da expansão colonial e imperial que caracteriza a globalização capitalista no final do século XIX. O fim dos impérios coloniais, bem como a independência,

não mudou fundamentalmente o acordo: é uma “forma de pensar”, uma “visão eurocêntrica do mundo e da natureza”, que juntos estruturam a ciência e o capitalismo.

### **Arquivos consultados**

Arquivo Central da Universidade Federal do Pará, Belém, dossiê Escola de Química Industrial do Pará e sobre a Escola Superior de Química do Pará, 1920-1966 (AC-UFPA).

Archives Diplomatiques, La Courneuve, protocole 1542-1975, série D, carton 597 (Français au Brésil nommés), chemise Le Cointe. (AD-Protocole).

Archives Diplomatiques, La Courneuve, Relations Culturelles, sous-série Enseignement 1945-47, carton 146 (Brésil).

Archives Diplomatiques, La Courneuve, série B-Amérique 1818-1940, Vice-consulat du Para, carton 36.

Archives Diplomatiques, Nantes, Fonds de l’Ambassade de La Paz, carton 30, chemise Agences consulaires 1903, dossier Assassinat de Linon et Brouillon, succession. (CADN-La Paz succession).

Archives Diplomatiques, Nantes, Fonds de l’Ambassade de Rio, carton 77, correspondance avec le poste d’Óbidos (CADN, Rio-Óbidos, C77).

Archives Nationales de France, Pierrefitte, Instruction publique, Service des missions, dossier Le Cointe, F/17/2983/1 (AN F/17/2983/1).

### **Referências**

BULLETIN DE LA SGCP. Especialmente os anos de 1896, 1902 a 1919. *Revue de l’Économie Française après Guerre*, 1923.

CAYLA, Victor. Lettre d’Amazonie. *Bulletin de la SGCP*, Paris, v. XXXIV, p.207-208, 2012.

COUDREAU, Henri. *Les Français en Amazonie*. Paris: Librairie d’Éducation Nationale, 1887.

DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.

FERRY, Jules. *Les fondements de la politique coloniale*, 28 juil. 1885. Disponível em: <https://www2.assemblee-nationale.fr/decouvrir-l-assemblee/histoire/grands-discours-parlementaires/jules-ferry-28-juillet-1885>. Acesso em: 8 maio 2024.

Paul Le Cointe, um cientista franco-brasileiro (1870-1956)

LA GÉOGRAPHIE, Paris, v. XXXII, 1919.

LA GÉOGRAPHIE, Paris, v. XXXIV, 1920.

LABROY, Oscar. **Culture et exploitation du caoutchouc au Brésil**. Rapport présenté... Paris: Société Générale d'Édition, 1913.

LEVASSEUR, Emile. **Le Brésil**. Paris: Lamurault, 1889.

MACHADO, Jorge Ricardo Coutinho. Natureza e cultura entrelaçadas: o Boletim Científico da Escola de Química Industrial do Pará. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemática**, Belém, v. 11, n. 22, p.78-95, 2015.

PETITJEAN, Patrick. Entre ciência e diplomacia: a organização da influência científica francesa na América Latina, 1900-1940. *In*: HAMBURGER, Amélia Império; DANTES, Maria Amélia; PATY, Michel; PETITJEAN, Patrick (eds.). **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1996. p. 89-120.

PETITJEAN, Patrick. Auguste Chevalier, Paul Le Cointe e a Amazônia: as plantas úteis entre a botânica colonial e a etnobotânica. *In*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; KLEICHE-DRAY, Mina; PETITJEAN, Patrick (orgs.). **História das substâncias naturais: saberes tradicionais e química**. Rio de Janeiro: Mast; Paris: IRD, 2012. p. 61-107.

ROMANI, Carlos. Algumas geografias sobre a fronteira franco-brasileira. **Atelié Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 43-64, 2008.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de. **Le Pays des Amazones: L'Eldorado et les terres à caoutchouc**. Paris: Finzine, 1885.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de. **Le Brésil en 1889**. Paris: Ch. Delagrave, 1889a.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de. **Guide de l'émigrant au Brésil**. Paris: Société d'Études Brésiliennes; Revue du Monde Latin, 1889b.

RBA, **Revue de Botanique Appliquée et d'Agriculture Coloniale**. Especialmente os volumes 2 (1922); 14 (1934) e 28 (1948).

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo : T.A. de Queiroz, 1980.

STOLL, Emilie et al. Recenser la propriété en Amazonie brésilienne au tournant du XXe siècle: des registres de terres de João de Palma Muniz aux cartes de Paul Le Cointe. **Histoire & Mesure**, v. XXXII, n. 1, Le chiffre et la carte, p. 53-90, 2017.

WIENER, Charles. Le Brésil en 1895-1896. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XVIII, n. 12, p. 959-961, 1896.

**Obras de Paul Le Coite (seleção)**

- 1902: La République de l'Acre. Le chemin de fer Madeira-Mamore. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXIV, p. 67-79.
- 1903a: La forêt amazonienne. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXV, p. 382-392.
- 1903b: Le Bas Amazone. **Annales de Géographie**, t. XII, n. 61, p. 54-66.
- 1904: Le développement économique de l'Amazone. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXVI, p. 472-488.
- 1905a: La plantation du caoutchouc dans le Bas Amazone. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXVII, p. 187-189.
- 1905b: L'élevage en Amazonie. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXVII, p. 491-500.
- 1906a: La France en Amazonie. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXVIII, p. 577-583.
- 1906b: Exploitation et culture des arbres à caoutchouc en Amazonie. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXVIII, p. 625-652.
- 1906c: Le climat amazonien, et plus spécifiquement le climat du Bas Amazone. **Les Annales de Géographie**, v. XV, n. 84, p. 449-462.
- 1906d: **Carte du cours de l'Amazone depuis l'océan jusqu'à Manaus et la Guyane brésilienne**. Paris: Armand Colin. (au 1/2.000.000)
- 1907a: Exploitation et commerce de la châtaigne ou noix du Brésil. **Journal d'Agriculture Tropicale**, n. 67, p. 43-49.
- 1907b: Notice sur la carte du cours de l'Amazone depuis l'océan jusqu'à Manaus et la Guyane brésilienne. **Annales de Géographie**, v. XVI, n. 86, p. 159-174.
- 1907c: L'Exploitation et la culture du caoutchouc en Amazonie. **Le Caoutchouc et la Gutta-Percha**, v. 4, p. 731-743.
- 1908: La crue de l'Amazone en 1908. **Annales de Géographie**, v. XVII, n. 94, p. 366-367.
- 1911: **Carte du Bas Amazone, de Santarem à Parintins** (municipe de Óbidos et partie des municipes limitrophes – Etat du Para –1892-1910. Arquivo Público do Estado do Pará (au 1/250.000). Paris: Imprimé par Armand Colin.
- 1911-1912: Le caoutchouc amazonien et son concurrent asiatique. **Le Caoutchouc et la Gutta-Percha**, v. 8, p. 5.516-5.533 (n. 91, 15 sep.); p. 5.604-5.611 (n. 92, 15 oct.); p. 5.677-5.682 (n. 93, 15 nov.).
- 1912: Le Brésil et son caoutchouc: le Para. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XXXIV, p. 769-803.

1919a: Impressions d'Amazonie. **Bulletin de la SGCP**, Paris, v. XLI, p. 208-210.

1919b: Plantation d'une cacaoyère em Amazonie. **Journal d'Agriculture Tropicale**, n. 161, p. 308-311.

1922a: **L'Amazonie brésilienne**, 2v. Paris: Challamel.

1922b: La culture et la préparation du manioc en Amazonie. **Revue de Botanique Appliquée**, n. II, p. 331-337.

1922c: Quelques fruitiers tropicaux peu connus. **Revue de Botanique Appliquée**, n. II, p. 509-513.

1924a: **Apontamentos sobre as sementes oleaginosas, os bálsamos e as resinas da floresta amazônica**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura.

1924b: Les *Elaeis* de l'Amazonie et du Para. **Revue de Botanique Appliquée**, n. IV, p. 532-533.

1927: **Notes sur les graines oléagineuses, les baumes et les résines de la forêt amazonienne**. Paris: Exposition sur le Caoutchouc, 2e. ed.

1928a: Étude sur les graines oléagineuses et les baumes de l'Amazonie (I). **Bulletin de la Chambre de Commerce Franco-Brésilienne**, n. 15, p. 16-20.

1928b: Étude sur les graines oléagineuses et les baumes de l'Amazonie (II). **Bulletin de la Chambre de Commerce Franco-Brésilienne**, n.16, p. 15-22.

1930: **Boletim da Escola de Química Industrial**, n. 1, 1929. Belém: Livraria Clássica, Belém. Com seis contribuições de Le Cointe.

1934: **A cultura do cacau na Amazônia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Diretoria da Estatística da Produção.

1935: Les crues annuelles de l'Amazonie et les récentes modifications de leur régime. **Les Annales de Géographie**, v. XLIV, n. 252, p.614-619.

1936: Les plantes à roténone en Amazonie. **Revue de Botanique Appliquée**, n. XVI, p. 609-615.

1937: Les animaux curieux de l'Amazonie. **Bulletin de la Chambre de Commerce Franco-Brésilienne**, p.25-27.

1940a: Borrachas sintéticas e borracha natural na Amazônia. **Revista da Associação Comercial do Pará**, Belém, v. V, n. 20-21, p. 107-108.

1940b: Do Instituto Federal da Borracha e da Castanha na Amazônia. **Revista da Associação Comercial do Pará**, Belém, v. V, n. 20-21, p. 127-134.

1945: **O estado do Pará**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Coleção Brasileira)

1947 [1934]: **Amazônia Brasileira**. São Paulo : Companhia Editora Nacional. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5, v. 251)

1948: Une lettre de Paul Le Cointe sur l'Amazonie. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. ano 3, n. 4, p. 575-576.

1949a (co-autores: Fernand Braudel e Pierre Monbeig): Au Brésil. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, ano 4, n. 4, p. 480-486.

1949b: Apontamento para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia. **Economia Amazônica**, ano I, n. 2, p. 57-77.

Como citar o capítulo:

PETITJEAN, Patrick. Paul Le Cointe, um cientista franco-brasileiro (1870-1956). *In*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; ALMEIDA, Marta de (Org.). **Ciências e tecnologias num Brasil (in)dependente**. Brasília, DF: Editora IBICT, 2025. Cap. 15, p. 437-463. DOI: 10.22477/9788570131737.cap15